

Che Guevara: o antiimperialismo em atos

JOÃO QUARTIM DE MORAES*

Uma entranhada presença...

Os trinta anos da morte de Guevara estão sendo muito mais amplamente lembrados, não somente na América Latina, mas também na Europa Ocidental e até na matriz imperial estadunidense, do que os vinte e os dez. Sem dúvida, o próprio movimento editorial suscitado pela efeméride anunciava em alguma medida a “ressurreição de Guevara” (a analogia teológica está na capa de um semanário brasileiro de grande circulação). Pelo menos quatro biografias, três das quais traduzidas no Brasil, foram publicadas em várias línguas e por grandes editoras no primeiro semestre de 1997.¹ Jornais e revistas de grande tiragem, a expressão mesma da ordem burguesa e imperialista que Guevara abominava, festejaram, reforçando-as com resenhas bibliográficas e reportagens históricas, estas copiosas iniciativas biográficas.

Seria, entretanto, superestimação da capacidade dos formadores de opinião e outros *comunicólogos*, operando em escala industrial, supor que criaram sozinhos, por orquestração mediática, este notável fenômeno político-cultural. Nenhuma das iniciativas que tomaram teria tido repercussão notável se não correspondesse a uma corrente profunda da opinião crítica de nosso tempo.

É da lógica do capitalismo enxertar valor de troca em tudo que tem valor de uso. Mas o interesse mercantil é a conseqüência parasitária e não

* Professor do Departamento de Filosofia, Unicamp.

1. Foge a nosso escopo discuti-las, mesmo porque, convém antes lê-las. Ora, em francês, idioma em que se publicaram todas as quatro biografias (além das de Paco Talbo, Jon Anderson e Jorge Castañeda, também publicadas em várias outras línguas, a de Pierre Kalfon), elas perfazem 2.782 páginas. Por mais leve que seja a prosa biográfica, examinar cuidadosamente estas quase três mil páginas exige um estudo especializado. Além de tempo, falta-nos competência historiográfica para tanto.

a origem efetiva do imenso valor de uso associado à imagem do guerrilheiro heróico. A explicação é dialética: a ordem neoliberal, com seu culto descarado do dinheiro pelo dinheiro, da esperteza financeira, do conformismo ético, da sabujice dos deslumbrados com o poder imperial norte-americano, torna sedutores, para fins de consumo cultural, personagens que simbolizam o contrário de tudo isso, que viveram e morreram por um ideal generoso. Por isso mesmo, seria descabido ver neste culto a Guevara apenas o aspecto comercial: este não anula seu oposto, isto é, a *utilidade cultural e ética* de imagem personificadora da negação radical da lógica do Capital.² Exatamente porque esta negação é inseparável dos demais aspectos de sua imagem, o culto que está suscitando não deixa de ser notável num momento histórico em que, embora já bastante desgastado, o neoliberalismo continua a ser a ideologia dominante.³

Obviamente, a celebração *mediática* da legenda grandiosa do guerrilheiro heróico traz embutida a idéia de que seu combate pertence ao passado, que viveu e morreu por uma causa generosa e grandiosa, mas utópica. Tanto assim que foi derrotado e morto, como também derrotados e mortos foram os que pretenderam imitá-lo. Os métodos de guerra contra-

2. Um secundarista de Campinas resumiu perfeitamente a questão: "A mídia quer criar um Che que toma Coca-Cola e dirige Mitsubishi. Mas isso não importa, temos que aproveitar essa divulgação e ressaltar a alternativa revolucionária que ele representa..." in *Revista Correio Popular*, 1 (20), 27 de julho de 1997.

3. Convém ter em mente que os reacionários de choque, aqui e allures, longe de contemporizar com a memória histórica dos revolucionários mortos e enterrados, comprazem-se, ao contrário, em injuriá-los. Um exemplo, entre muitos outros: Roberto Campos, agente de primeiro escalão do regime golpista de 1964 e porta-voz da pior reação liberal, arrotando seu ódio senil contra a esquerda, publicou a 4 de agosto de 1966, em coluna do jornal *Folha de S.Paulo*, sob o título "A nostalgia das ossadas", uma repulsiva diatribe contra o capitão Carlos Lamarca, salpicada de afirmações mentirosas: Lamarca "fuzilou o capitão americano Charles Chandler, matou com uma bomba o sargento Mário Kozell Filho... e procedeu ao 'justiçamento' de Mário (sic) Leite Toledo". Nem a Rede Globo, nem os torturadores do DOI-CODI se permitiram caluniar desta maneira o capitão da guerrilha. A calhordice não é entretanto monopólio da direita. Durante muitos anos, grupelhos trotskystas espalharam, no tom o mais peremptório, a "notícia" de que na verdade Che Guevara não morreria na Bolívia, mas havia sido executado por Fidel Castro com quem se desentendera. O cadáver fotografado pelos *rangers* bolivianos seria um boneco de cera. Hoje talvez seja difícil acreditar que indivíduos pretensamente revolucionários possam ter conscienciosamente cometido tão suja calúnia, que obviamente serviu apenas à CIA e a outros órgãos policiais do imperialismo... No que concerne à CIA, Gabriel Garcia Marquez relata que ela aceitou, com grande facilidade, a versão ridícula da execução secreta do "Che" após uma altercação com Fidel Castro. Com efeito, perguntou-se a um alto funcionário da CIA na época: "Do you think that "Che" is underground?" (O senhor pensa que o "Che" está subterrâneo? isto é clandestino) Ele deu esta resposta: "Yes, seven feet underground"(Sim, sete palmos sob terra). (Traduzimos da versão francesa do artigo de Garcia Marquez sobre "O Che na África: os meses nas trevas", publicada em *Afrique-Asie*, nº 147, de 31 de outubro a 13 de novembro de 1977).

revolucionária desenvolvidos pelo imperialismo, em particular pelas tropas especializadas de *rangers* apoiadas pela aviação, mostraram-se terrivelmente eficazes cada vez que enfrentaram um grupo de guerrilha mais ou menos isolado. Operações de cerco e aniquilamento puderam ser efetuadas no seio das mais densas florestas. Mas os que daí inferiram, após o aniquilamento da guerrilha do Che na Bolívia e de muitas outras tentativas de retomar seu combate, que já tinha passado o tempo da guerrilha rural, foram desmentidos, no final dos anos setenta, pela vitória da guerrilha sandinista. Mais recentemente, o festejado sociólogo Jorge Castañeda, que havia publicado em 1993, em inglês e em espanhol, *Utopia desarmada*, título que mais sugere uma história do Exército da Salvação ou da Liga das Senhoras Católicas do que o tema tratado (a trajetória da esquerda latino-americana), teve de compor às pressas para a edição brasileira, lançada no ano seguinte, um curioso *Prefácio* em que procura demonstrar, com raciocínios no melhor dos casos sofisticados, que longe de desmentir sua apologia do desarmamento da esquerda, a guerrilha de Chiapas, ao contrário, veio confirmá-la.⁴

Nosso propósito, entretanto, não é examinar as razões do forte impacto atual da imagem de Guevara, não é portanto culturológico, mas político-estratégico. Constatado que o Che está presente na memória coletiva, o que nos importa é avaliar o que está vivo de seu legado enquanto dirigente e teórico revolucionário.

Originalidade da revolução cubana

A experiência das revoluções do século XX, a começar, em Outubro 1917, da primeira revolução socialista triunfante na História da Humanidade e prosseguindo com a revolução social da antiquíssima e imensa sociedade chinesa, mostrou que, em parte alguma, a classe operária chegou ao poder sem o amplo e decisivo apoio dos camponeses. Variaram (a) o peso relativo destas duas grandes classes sociais⁵ e (b) as formas de organização política e

4. Dupla ironia: os guerrilheiros zapatistas não somente cometeram a indelicadeza de desencadear um movimento armado no próprio país de Castañeda, como também escolheram para tanto a data de 1º de janeiro de 1994, justamente quando ia ser publicada no Brasil a *Utopia desarmada*!

5. A concisão obrigatória num esquema histórico não impede de lembrar que *campesinato* denota não *uma* classe, mas o conjunto das classes populares que vivem na agricultura e/ou no campo. A Rússia, e mais ainda a China, eram sociedades não apenas predominantemente agrárias, as relações de produção no campo eram não apenas predominantemente pré-capitalistas, mas também e sobretudo a *aldeia camponesa* constituía a *comunidade de base* de uma milenar (na China quatro vezes milenar, senão mais) ordem social.

militar do combate revolucionário. No entanto, em ambas, vale dizer, nas duas maiores revoluções sociais do século, a direção coube ao *partido comunista*, mais exatamente, na Rússia, à *ala bolchevique* do Partido operário social-democrata russo, depois Partido Comunista. A fórmula do triunfo foi, num caso como no outro, terem logrado unir no programa e na ação a classe operária e o imenso campesinato (russo e chinês).

Na América Latina, entretanto, a primeira revolução socialista triunfante foi conduzida e dirigida por uma coluna guerrilheira operando em zonas montanhosas e em áreas rurais. Em que medida esta diferença *político-estratégica* corresponde à diferente participação das bases sociais das duas revoluções? A Revolução de Outubro 1917 foi *operária e camponesa*. A Revolução Chinesa também o foi, mas com uma participação muito mais longa, constante e decisiva do campesinato, comparativamente à Revolução Russa. (Basta considerar que dez anos depois da Revolução de Outubro operários e camponeses russos enfrentaram-se numa surda, larvada e mortífera guerra civil).

Na revolução cubana, a classe operária participou, ao lado da pequena burguesia patriótica e democrática, dos estudantes e outras camadas populares urbanas, da luta contra a ditadura de Fulgencio Batista, preposto do Império estadunidense e amigo de mafiosos e de outros celerados do crime organizado. Não teve, porém, nenhum papel autônomo nem iniciativa própria em tal combate. Nem ela nem seu partido de vanguarda (os sarcásticos diriam, de retaguarda). A base social do combate revolucionário foi tão principalmente camponesa e o papel próprio da classe operária tão diluído que a classificação do processo cubano vitorioso em 1959 como *operário-camponês* se afigura de todo imprópria. Mais adequado é considerar que a revolução cubana se inscreveu, *por sua dinâmica política e estratégica*, no vasto processo das revoluções *agrárias antiimperialistas de libertação nacional*. Como as demais (vale dizer, como todas as lutas revolucionárias nos três continentes submetidos à agressão colonial e à dominação imperialista), foi dirigida por um comando guerrilheiro cuja composição e programa correspondiam ao de uma *frente de libertação nacional*. Diferentemente das demais, entretanto, assumiu desde logo, não apenas em palavras, mas na dinâmica objetiva que instaurou, uma orientação conseqüentemente socialista.

A teoria de 1960

Renato Sandri, um dos principais especialistas em América Latina do ex-P.C. italiano, evocando, vinte anos depois (em 1987), o trágico desfecho

do foco guerrilheiro de Guevara na Bolívia, apresenta-o como “concebido e conduzido contra tudo e contra todos, contra a própria teorização da experiência que ele havia agudamente recolhido em seus escritos sobre a guerra de guerrilha...”⁶ É evidente a importância de saber se de fato, enquanto comandante militar e dirigente político, o Che de Ñancahuazu estava na contra-mão do da Sierra Maestra, se a prática de 1967 contradizia a teoria de 1960.

Foi, com efeito, em 1960, ano seguinte ao triunfo da coluna guerrilheira comandada por Fidel Castro, que Guevara, em *La guerra de guerrillas*,⁷ expôs as conclusões gerais da experiência revolucionária que tivera seu epicentro na Sierra Maestra, mostrando como os guerrilheiros compensaram sua inferioridade inicial no terreno militar pela mobilidade e capacidade operacional tática, que lhes permitiram manter constantemente a iniciativa, numa perspectiva estratégica em que sobreviveram e se afirmaram militarmente para poder se desenvolver politicamente, tanto pela incorporação progressiva dos camponeses em suas fileiras quanto pela ampliação gradual do processo insurrecional de um canto a outro do país.

O texto se abre com o enunciado das três grandes contribuições da Revolução Cubana para “*a mecânica dos movimentos revolucionários na América*”: 1) as forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército; 2) nem sempre se deve esperar que sejam dadas todas as condições para a revolução; o foco insurrecional pode criá-las; 3) na América subdesenvolvida o terreno da luta armada deve ser fundamentalmente o campo.

A primeira constatação reitera o princípio geral de toda revolução popular. Revoltar-se contra uma ordem iníqua é não apenas justo, mas também *possível*. A segunda enfatiza a importância da organização e da vontade, vale dizer, das chamadas condições subjetivas da revolução, dirigindo aos partidos de esquerda latino-americanos, principalmente os comunistas, crítica análoga à que Lenin consagrara ao reformismo evolucionista social-democrata, vale dizer, à concepção segundo a qual a revolução constituía processo essencialmente objetivo, cabendo aos fatores subjetivos deixar-se empurrar pela corrente da História.

6. Renato Sandri, “A América Latina do Che Guevara”. *Rinascita*, nº 39, ano 44, 10 de outubro de 1987, p. 24.

7. Os escritos de Guevara circularam muito, embora menos do que suas fotos. Editados ao influxo da luta revolucionária, para servirem de guias para a ação, foram reagrupados para fins editoriais segundo critérios em que a perspectiva prática predominava sobre a teórica. Utilizamos a edição argentina de 1973 das *Obras Completas* (Buenos Aires, Ediciones Cepe) que a despeito de extremamente (e compreensivelmente) artesanal, serve perfeitamente a nossos objetivos, que não são nem historiográficos nem bibliográficos.

Mais ainda do que a segunda, é a terceira, porém, que interessa ao tema do presente estudo. Guevara enfatiza-lhe o caráter “estratégico”, criticando “*os que com critérios dogmáticos pretendem centrar a luta de massas nos movimentos das cidades, esquecendo totalmente a imensa participação da gente do campo na vida de todos os países subdesenvolvidos da América*”. Uma unilateralidade não justifica outra. Qualquer que tivesse sido, com efeito, o grau de subestimação da “gente do campo” por parte dos partidos comunistas e outras organizações da esquerda latino-americana, o fato mesmo de se colocarem como expressões políticas do movimento operário implicava em concentrar o esforço político nas zonas industriais e urbanas. Se para não esquecer o campesinato é imperativo centrar no campo o combate revolucionário, são os operários que poderão ficar esquecidos.

Sem dúvida, qualquer estratégia revolucionária, para ser séria, deve articular e hierarquizar seus objetivos, determinar onde e como vai concentrar seu esforço. Por isso, a *questão* colocada por Guevara (onde e como travar a luta principal, isto é, aquela cujo desenvolvimento determinará o de todas as outras lutas) mais do que pertinente, é indispensável. Também incontestável é a necessidade da mobilização dos trabalhadores da terra para levar adiante a transformação revolucionária da ordem estabelecida em países onde a população rural é importante e a terra monopolizada por latifundiários. Em abstrato, sem dúvida, a importância social do campesinato está na razão inversa e a da classe operária, bem como das outras camadas de assalariados urbanos, na razão direta do grau de industrialização e de urbanização de cada país. Em países como a Argentina, o Uruguai, o Brasil e o Chile, que então concentravam e seguem concentrando a maior parte dos recursos materiais e humanos da América do Sul, a idéia de que a questão do poder iria se decidir no campo não se apoiava nas condições sociais objetivas. Em todos eles, o centro de gravidade da vida social se encontra nas cidades e não no campo. Mesmo na Bolívia, país onde é tão forte o peso relativo dos habitantes do campo, da floresta e da montanha, a revolução nacional-democrática de 1952 foi obra principalmente do povo de La Paz e dos mineiros de estanho.

No entanto, como sempre demonstraram os protagonistas das grandes revoluções da História, aos fatores ditos objetivos se superpõem aqueles ditos subjetivos: consciência, estado de espírito, mobilização e experiência de ação coletiva das massas, organização, determinação política e preparação teórica das vanguardas, além da correlação de forças entre as classes sociais em cada situação política concreta, na qual se entrelaçam

fatores objetivos e subjetivos. Temos sob os olhos, no Brasil de hoje, a prova mais eloqüente de que uma classe social cuja função econômica é secundária, os trabalhadores rurais sem terra, podem travar um combate de vanguarda pela democracia, entendida, claro não em seu sentido mesquinhamente liberal, mas como avanço no rumo da igualdade de direitos.⁸

Por definição, todo revolucionário reconhece a necessidade de ativar os fatores subjetivos das transformações sociais. As diferenças *estratégicas* costumam surgir na avaliação da dinâmica dos movimentos de massa, de seu modo de articulação com a vanguarda revolucionária e, conseqüentemente, das *formas de luta* principais em cada situação concreta. Talvez consciente de que a preocupação de não esquecer o campesinato não constituía fundamentação suficiente para erigir o campo em terreno fundamental da luta armada, Guevara acrescenta um argumento por ele mesmo anunciado como de natureza estratégica.⁹ O campo seria fundamental para a luta armada porque, contrariamente às zonas urbanas, onde “os movimentos operários devem tornar-se clandestinos, sem armas, na ilegalidade e enfrentando enormes perigos”, “a situação não é tão difícil em campo aberto, porque os habitantes são apoiados pela guerrilha armada, em lugares que as forças repressivas não podem chegar”. Em sua aparente singeleza, estas considerações, resumem a trágica *ambigüidade estratégica* do *guevarismo*, isto é, da concepção e prática da luta armada inspiradas nos escritos e na ação de Che Guevara.

De um lado, com efeito, remetem ao “esquecimento do campesinato”, principal, ou, no mínimo, indispensável base social da revolução. De outro, à *menor dificuldade* da luta no campo. Não há, em princípio, contradição entre as duas teses. A mobilização camponesa (fator político) pode se *combinar* às supostamente menores dificuldades táticas das zonas rurais (fator militar)¹⁰ de maneira a favorecer uma

8. Não foram, entre nós, os partidários do foco guerrilheiro rural e sim militantes como Stédile, Rainha e companheiros que conseguiram, através de um trabalho tenaz, paciente e abnegado conferir perspectiva estratégica e concretude histórica às lutas camponesas. O que não tira daqueles o mérito político de terem procurado, ainda que frustradamente, mobilizar os camponeses para o combate revolucionário.

9. *Oeuvres I, Textes militaires*. Paris, Maspero. 1968, p. 27-29.

10. O general Giap, que à frente do heróico povo vietnamita libertou seu país, inflingindo aos exércitos do Império norte-americano a maior derrota que jamais sofreram, observou a propósito da “menor dificuldade” do combate guerrilheiro em zonas rurais, que a floresta é neutra. Tanto quanto a cidade, de resto.

sinergia estratégica: pequenos grupos armados solidamente apoiados pela população enfrentariam com sucesso um adversário dotado de um poder de fogo incomparavelmente superior. As lutas vitoriosas de libertação nacional dos povos colonizados confirmam esta *possibilidade*. Como, porém, são ainda mais numerosos os exemplos em que, em vez de sinergia, ocorreu um desencontro entre a coluna guerrilheira e os trabalhadores pobres do campo e/ou da floresta, da montanha, etc., permanece a grande interrogação deixada pelos escritos de Guevara sobre a guerra revolucionária e em particular pelas conclusões 2 e 3 que tirou da experiência revolucionária cubana. Afinal, qual o ensinamento decisivo que dela podemos extrair? Admitindo que o foco guerrilheiro rural, entendido como *destacamento móvel estratégico* da luta revolucionária, pode criar (algumas das) condições para a revolução, quais seriam, em cada situação histórica concreta, as condições suscetíveis de serem induzidas pela vanguarda armada atuando no campo?

Ainda no mesmo contexto, isto é, nas páginas iniciais de *La guerra de guerrillas*, lemos que “a luta guerrilheira é uma luta de massas, é uma luta do povo”, do qual “a guerrilha é a vanguarda combatente”. O guerrilheiro deve contar “com todo o apoio da população do lugar (onde atua)”. Esta é “uma qualidade *sine qua non*”. Poderíamos multiplicar citações como esta, retomadas num texto de 1963, *Guerra de guerrillas: un metodo*. No plano dos princípios ou, como diz Guevara, das leis da guerra, a exigência de apoio da população é, portanto, um corolário da caracterização da guerrilha como luta de massas, como guerra do povo. Mas tão logo consideramos este princípio ou lei do ponto de vista de sua aplicação, reencontramos a ambigüidade: o apoio da população deve se manifestar *desde o início* da ação do foco guerrilheiro ou pode ser criado pela própria ação? Tudo depende da avaliação correta das condições subjetivas e objetivas da população com a qual vanguarda guerrilheira entrará em contato. Dos escritos de 1960 e 1963 a conclusão que se extrai é de que por maiores que sejam as qualidades político-militares de um *foco*, ele só poderá *ativar* o espírito de revolta se este já estiver *latente* na massa camponesa e só conseguirá que ela lhe sirva de retaguarda se ela própria *identificá-lo* como sua vanguarda. Conhecer a fundo as formas concretas de existência e de consciência dos camponeses junto aos quais se vai atuar é uma condição *sine qua non* para cumprir aquilo que Guevara considera condição indispensável para o sucesso da guerrilha: o apoio dos camponeses.

Ñancahuazu: o que o *Diário* nos revela

Mantemos a convicção, expressa num texto publicado em outubro de 1968 na revista clandestina *América Latina*,¹¹ em que tomamos posição no debate sobre estratégia e tática então em curso no núcleo dirigente da futura VPR, de que ao avaliar, melhor, ao simplesmente não avaliar as particularidades sociais e culturais dos camponeses da região de Ñancahuazu, o Che, herói de nosso tempo, ofereceu ao inimigo um ângulo letalmente vulnerável, como Aquiles, herói antiquíssimo da nacionalidade grega em formação, oferecera aos troianos seu calcanhar.

Evidentemente, não foi apenas entre revolucionários brasileiros mas em todo o movimento revolucionário latino-americano que se travou intenso debate visando a examinar em que medida o aniquilamento do foco guerrilheiro de Ñancahuazu punha em questão a própria doutrina guevarista da guerra revolucionária. Era com efeito urgente e importante procurar saber se o fracasso da heróica empreitada decorrera de erros cometidos por Guevara e seus companheiros, se tais erros haviam sido táticos ou se (e até que ponto) decorreram do próprio projeto estratégico que pretenderam levar adiante.

Ao nos lançarmos neste questionamento, deparamo-nos antes de mais nada com a necessidade de diferenciar, com muito mais ênfase e nitidez do que até então, as idéias de Guevara das de Régis Debray. Tanto assim que o já mencionado texto em que procuramos sintetizar as conclusões do debate travado no núcleo dirigente da futura VPR, levava por título “Considerações sobre as teses de Régis Debray” (e não sobre as teses de Guevara). Graças em boa medida ao talento analítico e literário daquele autor¹² e apesar das brilhantes simplificações e da pouca importância atribuída às lutas de massas, o impacto de *Revolução na revolução?* havia sido imenso. Mais do que aprovado, o livro foi, em 1967, promovido

11. Órgão conjunto das futuras VPR e Colina. Publicaram-se cinco números em 1967-1968. O artigo levava por título “Considerações sobre as teses de Régis Debray”. Foi mais tarde publicado em francês, sob pseudônimo, em *Les temps modernes* (maio de 1969) e em inglês pela *New left review* (janeiro-fevereiro de 1970).

12. Robin Blackburn e Perry Anderson observaram a este respeito no artigo “O marxismo de Régis Debray”, publicado na *New Left Review* em setembro-outubro de 1967 e inserido no ano seguinte (outubro de 1968) num número temático da *Monthly Review*, *selecciones en castellano*, consagrado a Debray e a experiência cubana, que *Revolução na revolução?*, “baseado em longas discussões travadas com Fidel, expõe as novas táticas guerrilheiras cubanas para a América Latina”..., apresentando “uma combinação explosiva e pouco freqüente de uma ética revolucionária intransigente até às últimas conseqüências e uma técnica extraordinariamente concreta e detalhada da insurreição” Blackburn e Anderson, *op. cit.*, *Monthly Review* V (55), p. 22-23.

pelos dirigentes cubanos, que com inequívoca caução política, asseguraram-lhe enorme tiragem: 200.000 exemplares rapidamente distribuídos em Cuba. Na América Latina e na Europa ocidental houve traduções e reedições por toda a parte, inclusive em edições clandestinas, como ocorreu no Brasil. Aqui, como alhures, tornou-se em poucos meses, o *vade-mécum* dos partidários da luta armada.

Logo constatamos, ao comparar a doutrina exposta por Debray em *Revolução na revolução?* com o *Diário* da guerrilha boliviana redigido por Guevara, seu derradeiro texto, que este, contrariando a versão debrayista do foquismo, para a qual a melhor forma de propaganda (e portanto de contato político com os camponeses) é uma ação militar bem-sucedida, *tentou constantemente* explicar à população da região do Ñancahuazu, a que vinha e o que pretendia. Em freqüentes passagens do *Diário* constatamos, com efeito, a preocupação de Guevara face à dificuldade em realizar, pela incorporação camponesa, a concepção da guerrilha como guerra do povo.¹³

Assim, no *Resumo do mês de maio* esta preocupação está inequivocamente registrada: "...falta completa de incorporação camponesa, embora estejam perdendo medo de nós e logremos (conquistar) a admiração dos camponeses. É uma tarefa lenta e paciente". Na *Análise do mês de junho* a constatação é reiterada, mas agora em tom menos confiante: "...seguimos sentindo a falta de incorporação camponesa. É um círculo vicioso: para lograr essa incorporação necessitamos exercer nossa ação permanente num território povoado e para isso necessitamos de mais homens". Na de julho, anotou: "...segue sentindo-se a falta de incorporação camponesa embora haja alguns sintomas alentadores na recepção que nos fizeram velhos conhecidos camponeses". Em agosto, esperança em baixa: "seguimos sem incorporação camponesa, coisa lógica, de resto, se levamos em conta o pouco contato que estamos tendo com eles nos últimos tempos". Em setembro, enfim, o desabafo: "...a massa camponesa não nos ajuda em nada e se convertem em delatores". Logo o *círculo vicioso* a que aludia no resumo do mês de junho transformou-se num círculo de fogo inimigo, que se fechou sobre ele a 8 outubro de 1967.

13. Dois anos depois, Humberto Vázquez-Viaña e Ramiro Aliaga Saravia, combatentes da guerrilha boliviana, no depoimento intitulado *Bolivia: ensayo de revolución continental*, ao qual no referiremos mais adiante, retomaram exatamente nosso procedimento, mostrando através das passagens do *Diário* do Che que citamos abaixo, como se preocupou constantemente (embora sem sucesso) com a incorporação dos camponeses ao foco guerrilheiro.

Heróica impaciência, heróica paciência

Renato Sandri, em seu já referido artigo, caracterizou a guerrilha do Che na Bolívia como “tentativa desesperada... de *incendiar a pradaria*¹⁴ latino-americana, de contribuir do coração do continente para a romper as linhas de força dominantes em escala mundial”. Segundo ele, “chave da última empreitada de Guevara estaria na passagem da carta de adeus a Fidel Castro em que diz *poder fazer aquilo que a ti é negado pela tua responsabilidade na chefia de Cuba*”.

Sem dúvida, a empreitada já estava anunciada na célebre *Mensagem à Tricontinental* (divulgada em março de 1967,¹⁵ quando já se haviam desencadeado as operações guerrilheiras em Ñancahuazu), na qual sintetizou sua concepção da estratégia revolucionária em escala mundial na célebre palavra de ordem: “Criar dois, três...muitos Vietnãs”.¹⁶ Neste apelo à solidariedade de combate com o povo heróico do Vietnã, após evocar a escalada aérea estadunidense, inicialmente encoberta com os mais cínicos pretextos, até se converter numa apocalíptica agressão, “com o propósito de destruir todo vestígio de civilização na zona norte do país”, declara com a solenidade exigida pelo assunto: “Há uma penosa realidade: Vietnã, essa nação que representa as aspirações, as esperanças de vitória de todo um mundo preterido, está tragicamente solitário... A solidariedade do mundo progressista para como povo do Vietnã assemelha-se à amarga ironia que significava para os gladiadores do circo romano o estímulo da plebe. Não se trata de desejar êxitos ao agredido, mas de partilhar sua sorte, de acompanhá-lo à vitória ou à morte. Quando analisamos a solidão vietnamita nos assalta a angústia deste momento ilógico da humanidade”.

14. Para os mais jovens talvez não seja inútil esclarecer que a expressão alude a um notável escrito de Mao Tse-tung, *Uma faísca pode incendiar a pradaria*.

15. O texto foi divulgado num suplemento especial da revista *Tricontinental*, órgão da *Organização de Solidariedade dos povos da África, Ásia e América Latina*, sediada em Havana. O lançamento da revista deveria ocorrer em junho de 1967. Por razões que obviamente a organização devia manter secretas, decidiu-se publicar o suplemento com data de 16 de abril de 1967, antes mesmo do aparecimento da revista. Significativamente, a apresentação enfatiza a “denúncia enérgica”, contida no texto de Guevara, “da política adotada pelo imperialismo ianque de enviar soldados norte-americanos para reprimir os movimentos revolucionários de libertação em qualquer parte do mundo em que surjam, tal como fez não somente no Vietnã e em São Domingos, mas também na Guatemala, Colômbia, Venezuela e Bolívia, países onde já se encontram numerosos membros Boínas Verdes das Forças Especiais (imperialistas)” e “o vigoroso chamamento com que exorta os povos a dar condigna resposta a essa política criminosa”.

16. A fórmula original é *Crear dos, tres...muchos Viet-Nam es la consigna*. Está colocada como título do Manifesto. Logo abaixo, a bela epígrafe de José Martí: *Es la hora de los hornos y no se ha de ver más que la luz*.

Entretanto, contrariamente ao que afirma Sandri, o Che não diz nem sugere *desespero*. Fala da *angústia* que o assalta. Fala também da *morte*, mas não como um *desesperado* e sim carregado da mais alta *esperança*, a de criar uma nova frente da guerra de libertação dos povos no próprio quintal do Império estadunidense. Sem confundir Sandri com os “teóricos” das “estratégias da ilusão” e “revoluções impossíveis”, nem com outros especialistas em previsões retrospectivas, o fato é que ao apresentar a empreitada guerrilheira de Guevara na Bolívia como uma quixotada desesperada, condenada de antemão ao malogro, fantasiou uma constatação *a posteriori* em análise política. É tão fácil (e tão falso) inferir do fracasso de um combate a “prova” de que ele tinha mesmo de fracassar!

Antes de mostrar, com o sacrifício da própria vida, que como de costume, estava falando para valer em “vitória ou morte”, o Che tentou com firme determinação romper o círculo de fogo que se fechava sobre ele e seus companheiros. Aqueles que sinceramente (e não apenas em bravata) afirmam que os revolucionários nunca devem recuar, merecem respeito, mas se seguirem ao pé da letra seus próprios preceitos, agirão como Dom Quixote e não como dirigentes revolucionários. Exatamente porque sua empreitada não era uma *quixotada desesperada*, Guevara tentou recuar. Morreu lutando para romper a operação de cerco e aniquilamento movida pelos *rangers* bolivianos treinados, armados, equipados e teleguiados pelos estadunidenses.

Sem apoio camponês, subalimentado, sem linhas seguras de retirada, sem reforço possível, a retirada era a única decisão correta. Podemos discutir interminavelmente se Guevara não esperou demais para tomá-la, se não morreu vítima de sua *heróica impaciência*. O essencial, porém, é que as falhas e deficiências táticas do foco de Ñancahuazu decorreram incontestavelmente de uma concepção estratégica que, por sua imensa ambição, comportava riscos que se mostraram excessivos. Não havendo fatalidade na História, sempre é possível *imaginar* que um esforço quase sobre-humano em uma causa aparentemente perdida, possa salvá-la. Provavelmente era esta a determinação de Guevara nos meses finais da empreitada boliviana. Porém, tudo investir na obstinada tentativa de transformar uma derrota *quase* inevitável em uma vitória *quase* impossível implica continuar a empenhar as forças da revolução num combate em que é quase certa a *probabilidade de que sejam aniquiladas*. Tanto não foi esta a atitude de Guevara que, no resumo de setembro do *Diário*, uma semana antes de ser sumariamente executado, anotou com serena lucidez não isenta de um toque do trágico humor ibérico: “a tarefa mais urgente é se safar e buscar zonas mais propícias”.

A comparação histórica mais pertinente a respeito da responsabilidade de um núcleo dirigente revolucionário com respeito ao modo de empregar as forças da revolução é a que nos oferecem os dirigentes da guerra de libertação nacional do povo vietnamita. No início de 1968, a Frente de Libertação Nacional (FLN) do Vietnã do Sul lançou fulminante ofensiva dita “do Têt”. Os estadunidenses replicaram apertando todos os botões da máquina de guerra imperialista, numa fúria genocida inteiramente conforme ao “propósito de destruir todo vestígio de civilização na zona norte do país”, denunciado na *Mensagem* de Guevara à Tricontinental. Com a agravante de que o apocalipse estendeu-se às vastas regiões libertadas no sul do Vietnã. Embora tenha provado que era efetivamente possível alcançar uma vitória militar completa, a Ofensiva do Têt foi detida pelos terríveis custos humanos e materiais impostos pelo contra-ataque do Império invasor.

Só quatro anos mais tarde, o FNL do Vietnã do Sul desencadeou a ofensiva final. Durante esses quatro anos as calamidades da guerra, multiplicadas ao infinito pelos métodos de massacre pirotécnico dos valentões do Pentágono, impuseram novos e mais terríveis sacrifícios ao heróico povo vietnamita. Por que esperar quatro anos e não três ou dois, para lançar a nova e definitiva ofensiva que pôs em debandada as tropas coloniais estadunidenses e seus asseclas locais? Simplesmente porque, com *heróica paciência*, os dirigentes revolucionários do povo vietnamita fizeram uma análise completa da situação política e militar e escolheram, para desencadear a ofensiva, o momento em que, por maiores que fossem os sacrifícios e as perdas humanas, eles seriam compensados amplamente pelo fortalecimento das forças revolucionárias, pela derrota do inimigo, pelo avizinhar-se do fim da guerra e, portanto, por uma efetiva preservação de vidas humanas.

Revolução continental, internacionalismo antiimperialista

Em julho de 1970, dois membros do Ejército de Liberación Nacional da Bolívia, veteranos da guerrilha do Che, Humberto Vázquez-Viaña e Ramiro Aliaga Saravia, publicaram na forma militantemente modesta de um grande folheto, um estudo que é ao mesmo tempo um depoimento de extraordinário interesse, intitulado *Bolívia: ensayo de revolución continental*.¹⁷ O título já elucida o essencial: o foco de Ñancahuazu deveria ser o estopim de uma guerra revolucionária de libertação continental.

17. Tanto quanto pudemos apurar, este documento precioso, carregado de notáveis ensinamentos e informações, nunca foi editado em forma de livro.

A mesma versão foi sustentada por Régis Debray no livro que mais tarde consagrou à guerrilha do Che na Bolívia.¹⁸ Para provar que o objetivo estratégico do foco de Ñancahuazu não era a conquista do poder na Bolívia, lembrou que dez anos antes, num artigo escrito no final de 1964 (“O castrismo, a Longa Marcha da América Latina”) ele próprio já havia assinalado o caráter “único e excepcional” da Bolívia. Somente lá, “a revolução poderia revestir a forma bolchevista clássica, como mostrou a insurreição proletária de 1952, organizada na base de soviets, que estraçalhou o aparelho de Estado através de curta e decisiva luta armada”. As “mesmas razões que faziam da Bolívia o elo mais fraco (da dominação imperialista na América Latina) obrigavam a descartar uma concepção *foquista* como eixo principal”. Lá, portanto, “a teoria do foco, por razões de formação historicamente únicas na América Latina, é, senão inadequada, ao menos rejeitada ao último plano”.¹⁹

Guevara, sem dúvida, concordava com esta análise. Ao montar o foco guerrilheiro de Ñancahuazu não tinha nem poderia ter por objetivo desencadear uma nova *revolução boliviana*. “Escolhendo um teatro de operações geograficamente tão distante dos centros do poder político, o Che revelava por isso mesmo ter escolhido um campo histórico distinto”(…) Não visava à tomada do poder (em La Paz) mas a construção prévia de um poder popular materializado por seu instrumento de ação, uma força militar autônoma e móvel”,²⁰ cujo objetivo, historicamente muito mais ambicioso e grandioso, era aquele mesmo que Vázquez Viaña e Aliaga Saravia haviam designado como tentativa de *revolução continental*.

Na peroração final da *Mensagem à Tricontinental*, vibrante e também pungente apelo ao combate dos povos oprimidos rumo à emancipação do gênero humano, o grande comandante guerrilheiro caracterizou implícita mas, inequivocamente, a imensa tarefa da formação de um exército de libertação *nacional* na Bolívia e no Peru e ao longo da Cordilheira dos Andes, como a parte que lhe cabia da consigna planetária de criar dois, três, muitos Vietnã: “Toda nossa ação é um grito de guerra contra o imperialismo e um clamor pela unidade dos povos contra o grande inimigo do gênero humano: os Estados Unidos da América do Norte. Em qualquer lugar que nos surpreenda a morte, bem-vinda seja sempre que este nosso

18. Régis Debray, *La guérilla du Che*, Paris, Seuil, 1974.

19. *Ibidem*, p.46-47.

20. *Ibidem*, p. 83-84.

grito de guerra tenha atingido um ouvido receptivo e outra mão se estenda para empunhar nossas armas...”.

Nenhuma vitória é garantida de antemão. Todas se conquistam na luta, com os riscos que lhe são inerentes. Guevara morreu, o Vietnã venceu. O Vietnã venceu sem Guevara, mas Guevara, embora não tenha vivido o suficiente para testemunhar o desfecho da gloriosa guerra de libertação nacional do povo vietnamita, morreu porque, não se contentando em “desejar êxito ao agredido”, erigiu em prioridade das prioridades prestar-lhe solidariedade em atos, abrindo nova frente de combate contra o imperialismo norte-americano, que com fundadas razões considerava o pior inimigo do gênero humano. A morte o eternizou, confirmando-o para sempre no que já era: um herói argentino, cubano e latino-americano, inimigo insubornável e irreconciliável da barbárie imperial-capitalista, que se tornou expressão paradigmática, portanto universal, do grito de guerra de todos os povos oprimidos, mas, também e sobretudo, da exaltante perspectiva da emancipação humana, da concretização da igualdade, da liberdade e da fraternidade.

MORAES, João Quartim de. Che Guevara: o antiimperialismo em atos. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.5, 1997, p.129-143.

Palavras-chave: Che Guevara; Antiimperialismo; Revolução Cubana.